**FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO FÍSICA – MAIO DE 2015**

****

**Educadora Adriana Hister Giovanella**

**CORPO E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A estruturação dos conteúdos por eixos tem como finalidade principal auxiliar o educador na sistematização e planejamento do seu trabalho e apoia-se no fato de que a Educação Infantil tem sua própria especificidade e que as grandes unidades de significado para a criança, neste período (0 a 5 anos), são a própria criança e seu ambiente. Isso pressupõe a superação de uma visão academicista do currículo para a Educação Infantil, que não deve ser a de uma reprodução, em escala inferior, do currículo correspondente ao Ensino Fundamental.

Nesse contexto, amparados nas disposições legais presentes na LDB 9.394/96, que possibilita às instituições escolares a organização do currículo de diferentes formas, e nas reflexões realizadas por Garcia (2004), que defende a organização curricular na Educação Infantil por eixos e também nos documentos disponibilizados pelo Ministério da Educação, estabelecemos os eixos abaixo explicitados:

1) **O eixo *Identidade e Autonomia*** se refere ao conhecimento de si mesmo e à construção da própria identidade em interação com o ambiente, sobre o qual a criança pode intervir mediante o conhecimento de seu próprio corpo e da descoberta de suas possibilidades e limitações;

2) **O eixo *Corpo e Movimento*** focaliza como a criança percebe seu próprio corpo por meio de todos os sentidos e/ou os sentidos remanescentes, ocupando um espaço no ambiente em função do tempo, captando, assim, imagens, percebendo sons, sentindo cheiros e sabores, dor e calor, movimentando-se. O corpo é o centro, o referencial para si mesma, para o espaço que ocupa e na relação com o outro;

**4.2 EIXO CORPO E MOVIMENTO**

Concomitantemente ao desenvolvimento da identidade e autonomia, o trabalho, na Educação Infantil, incorpora o corpo e o movimento como um dos eixos organizadores de sua ação, uma vez que o ser humano, desde o nascimento, entra em contato com o mundo pelo movimento, portanto o seu corpo é uma das primeiras formas de linguagem utilizada. Assim, a necessidade de se movimentar vem desde a vida uterina, pois o que se desenvolve na concepção de experiência corporal é a relação do movimento com o mundo, tornando-o um movimento consciente, por meio da interação. Assim, o diálogo corporal avança para a conscientização pela experimentação, tornando-se uma ação de movimento que envolve sensações, sentimentos, pensamentos e reflexões.

**4.2.1 CONSCIÊNCIA CORPORAL**

A experiência corporal está no centro da transformação do próprio corpo durante a vida e na realização de cada movimento. Toda transformação traz em si uma modificação na forma de perceber o próprio corpo e aos objetos. Então, ao educador cabe organizar, pedagogicamente, a experiência corporal do cotidiano da Educação Infantil, buscando, conforme Funke-Wieneke (1998), os fundamentos para a estruturação do trabalho a partir da experiência do corpo; da experiência com o corpo; da experiência do corpo, tendo, como espelho, o outro, e, a apresentação do corpo e a interpretação da linguagem corporal do outro.

4.2.1.1 **A *Experiência do Corpo:*** parte do princípio de que é por meio do movimento que a criança conhece, sente, relaciona as suas condições que antes eram naturais (respirar, contrair, relaxar, andar, saltar, entre outras), tornando-as conscientes. Assim, percebemos que a experiência corporal inclui a percepção e o conhecimento das possibilidades e limitações do próprio corpo. Segundo Baecker (2003), este conhecimento está relacionado às experiências anteriores que são trazidas para a situação presente, permitindo qualificar as ações de movimento como boas ou ruins, julgar as sensações de dor ou prazer que anteriormente eram inconscientes.

É importante ressaltar que a criança toma consciência de seu corpo realizando o movimento quando percebe alterações de acordo com as suas experiências, quais sejam: respiração, batimentos cardíacos, contração e descontração muscular, postura corporal, sua maneira de andar, correr, saltar, entre outros, pois se entende que, no dia a dia da Educação Infantil, o movimento é de suma importância, uma vez que é por meio dele que a criança adquire consciência de seus limites e também de suas possibilidades.

Destacamos, nesse processo, a relevância do trabalho com a respiração e a consciência dela como um dos primeiros trabalhos constituidores da percepção do próprio corpo. O riso, o choro, a gargalhada podem servir de ponto de partida para a percepção dos movimentos que provocam no próprio corpo. Experienciá-los sob orientação do educador pode contribuir para a formação de novas posturas diante dos acontecimentos do dia a dia.

4.2.1.2 ***Experiência com o Corpo*:** A criança passa a se relacionar com o mundo por meio de seu corpo e, tendo consciência do modo como acontece, reelaborará seus conceitos de acordo com suas experiências individuais e sociais, pois busca a superação de desafios, tenta criar o novo, descobre possibilidades a partir de sua relação com os objetos para criar outras formas de realizar a atividade, estabelecendo relações com diferentes espaços e contextos sociais.

A experiência com o corpo demanda a estimulação quanto ao tocar, ao apalpar, ao apertar, ao acariciar, que são fundamentais no processo de construção da autoconsciência corporal. A manipulação de objetos, por sua vez, possibilita a percepção de que outras coisas existem para além do próprio corpo. Esse trabalho inicial é de fundamental importância e compete ao educador ter clareza da intencionalidade presente nessas atividades que podem parecer, numa primeira e aligeirada análise, incipientes e sem sentido, mas que são a base de sustentabilidade de outras percepções e desenvolvimentos.

*4.2.1.3* ***Experiência do corpo tendo como espelho o outro***: ocorre quando se entra em diálogo com o outro, também corpo, nas interações sociais, momento em que são provocadas as comparações, as avaliações, as interpretações e as reflexões sobre o seu próprio corpo e o corpo dos outros. As comparações, entre as crianças, acontecem a partir de si e extrapolam para os outros.

Nesse sentido, torna-se relevante provocar contatos, realizar “leituras” das imagens corporais, instigar a exposição por parte das crianças sobre os “modelos” que elas mais admiram, levantando questionamentos sobre o porquê das opções, mostrando e analisando outros “modelos” nem sempre valorizados, pois existe uma padronização posta pela mídia que precisa ser desconstruída. Essa é uma construção conceitual que implica diretamente a identidade e a autoestima de cada um. É um momento em que o educador precisa tomar cuidado, revisitando suas próprias concepções, analisando suas opções e os “modelos” que tem adotado como direcionadores de suas decisões. Aqui se explicitam sob qual base construímos os conceitos de feio, bonito, perfeito, imperfeito, adequado, inadequado, normal, anormal.

4.2.1.4 **A*presentação do corpo e a interpretação da linguagem corporal do outro***: significa a comunicação entre os corpos que se relacionam e o mundo. Esse momento propicia o diálogo em que interpretações e respostas são expressas por meio do “se movimentar” desses corpos, constituindo novos significados.

Muitas crianças têm receio em interagir nas atividades com colegas do sexo oposto. Ao iniciar as atividades, geralmente se encontram grupos de meninos brincando separados das meninas. Isso se torna explícito no “se movimentar” das crianças que, por meio da atividade de movimento, manifestam seus sentidos/significados em relação à atividade. Em cada expressão, as crianças manifestam-se de acordo com a vivência subjetiva de movimento, e essa vivência tem um sentido/significado diferente para cada um, relacionado à sua cultura de movimento.

Os aspectos culturais e sociais das crianças interferem claramente nas atividades de movimento. Como menciona Kunz (1991), é com a intencionalidade que se constitui o sentido/significado do “se movimentar”, intencionalidade essa que se orienta pelos fatores externos. O sentido/significado estabelecido em aula é o mesmo que aparece fora do âmbito da instituição escolar. Por isso, faz-se necessário possibilitar às crianças a vivência de experiências significativas que escapam do sentido cotidiano das atividades obrigatórias, contribuindo, dessa forma, com a constituição de indivíduos críticos e autônomos. Portanto, fica evidente a importância da exploração de espaços diferenciados para a prática de movimento, nos quais a criança estabelece diferentes sentidos/significados para suas ações.

Ao ampliar as experiências de movimento, se oportuniza movimentos diferenciados, momento em que o corpo torna-se vivido em todas as suas possibilidades, incluindo atividades que desenvolvam noções de lateralidade e lateralização. E, para isso, é fundamental que, no processo de aprendizagem seja considerada a experiência de vida individual de cada criança, tendo o corpo como referência em diferentes espaços e contextos.

Por meio dessas experiências proporcionadas à Educação Infantil, abre-se a possibilidade de fomentar o autoconhecimento, a autoafirmação, a curiosidade e a busca de novos conceitos. A ludicidade, a imaginação e a fantasia se fazem presentes, estimulando a criatividade, oportunizando expressar o ser e as emoções. As crianças necessitam de liberdade de movimento e terão esta oportunidade à medida que diversas possibilidades para a ampliação da cultura de movimento sejam apresentadas, contribuindo para a construção do sentido/significado.

Nessa perspectiva, a criança é estimulada à autorreflexão e à emancipação, contribuindo na construção de seu mundo, apreendendo e criando, sempre por meio de experiências que evidenciem as relações com o seu corpo, com o corpo do outro e com o ambiente, promovendo condições para o exercício da autonomia na criação de novos movimentos. Com a experiência corporal, abrem-se possibilidades para fomentar o autoconhecimento, a auto-afirmação e a curiosidade, pois, ao sentir o movimento, é possível modificá-lo e ressignificá-lo dentro de sua condição social e cultural, expressando-se e dialogando com o mundo.

**5 CONTEÚDOS E OBJETIVOS**

**LEGENDA**

Os conteúdos de cada eixo foram especificados por faixa etária, utilizando as letras **I / T / A,** que significam:

**( I ) INTRODUZIR** – Apresentar o conteúdo, como noção ou significação social, sem a preocupação com a sistematização destas noções.

**( T ) TRABALHAR** – Abordar o conteúdo, através da aplicação e sistematização de atividades práticas, favorecendo a vivência da criança e consequentemente oportunizando a interiorização dos conteúdos efetivando as mediações educativas constantes, para que a mesma possa alcançar a fase científica do conhecimento.

**( A ) APROFUNDAR** - Retomar o trabalho já sistematizado, aprofundando os conceitos fundamentais para o processo de aprendizagem das crianças na continuidade da sua formação escolar.

Torna-se necessário que o educador domine os conteúdos e tenha clareza sobre os objetivos, para exercer uma intervenção pedagógica coerente com os pressupostos que fundamentam este currículo, possibilitando à criança o estabelecimento de relações e a apropriação do conhecimento, com o intuito de resgatar a propriedade de cada área do conhecimento de forma articulada, para especificar o trabalho a ser desenvolvido por parte do educador, de forma gradativa, em termos de aprofundamento, ou seja, abordando, inicialmente, o conteúdo enquanto noção ou significação social, sem preocupação com a sistematização dessas noções, por parte da criança. A legenda representa o aprofundamento do trabalho sistemático com os conceitos que integram os diferentes eixos. Compete ao educador e à equipe pedagógica terem ciência de que a legenda é um referencial para a organização do trabalho pedagógico do educador.

Importa destacar que, se o município não atende aos anos iniciais da Educação Infantil (0 a 2 anos) e organizar grupos de crianças de 3 e 4 anos, significa que todos os conteúdos deverão ser trabalhados, considerando que, na Educação Infantil, inicia-se a formação dos conceitos fundamentais para o processo de aprendizagem das crianças na continuidade da sua formação escolar.



**6 AVALIAÇÃO**

A avaliação constitui-se em um processo por meio do qual o educador recolhe e analisa as informações sobre o ensino e a aprendizagem, definindo a articulação da intervenção pedagógica que contribui para o alcance dos objetivos propostos para cada etapa do processo educacional. Nesse sentido, é importante refletir sobre a avaliação na especificidade da Educação Infantil, como etapa da Educação Básica, a qual não se constitui em período preparatório para a entrada da criança no Ensino Fundamental.

A avaliação não fornece indicativos apenas sobre o que o educando aprendeu ou deixou de aprender, sobre o que domina ou não domina, sobre o que se apropriou ou não apropriou, ou apropriou de forma parcial. O importante são os questionamentos que decorrem dos resultados obtidos: quais fatores interferiram? Quais ações de intervenção pedagógica se tornam necessárias? Quais ações administrativas se revelam como fundamentais? A organização e a estrutura que auxilia no processo pedagógico interferiram ou não? O que pode ser melhorado? Enfim, a busca de respostas para essas e outras questões contribuem para o repensar permanente sobre a prática realizada no interior das instituições educativas.

O MEC (2003, p. 31), por meio de documentos diversos, chama a atenção para a importância da avaliação, incluindo os aspectos referentes à inclusão de crianças. Essas orientações, por sua vez, devem se aplicar a todas as crianças indistintamente, quais sejam:

Os avaliados têm direito de ter suas características conhecidas, entendendo-se que suas deficiências ou limitações não são atributos imutáveis, numa visão fatalista e determinística. Conhecer, compreensivamente, as características dos avaliados irá contribuir para que as decisões acerca do planejamento educacional incluam todas as providências que permitam a remoção de barreiras para aprendizagem e para a participação. Os dados do processo de avaliação servirão para acompanhar os processos dos educandos, comparando-o com ele mesmo.

A Educação Infantil apresenta uma particularidade: os processos avaliativos não interferem na promoção da criança. Isso não significa, no entanto, que têm menor relevância que no Ensino Fundamental e/ou Médio ou que os tornam desnecessários. Pelo contrário, a compreensão de sua importância contribui para a definição dos processos de intervenção e revisão do próprio currículo que ora se apresenta. Os objetivos da Educação Infantil são pontos de referências para a definição dos instrumentos e critérios a serem utilizados para a configuração da avaliação nesta etapa do processo de escolarização, bem como a especificidade desta faixa etária, a qual delimita a utilização de alguns instrumentos em detrimento de outros. Destacaremos, aqui alguns, dos instrumentos que podem ser utilizados nesta etapa, incluindo os cuidados que exigem por parte de quem os utiliza:

**a) *A observação*:** é um instrumento amplamente utilizado na Educação Infantil, o qual requer uma atenção especial por parte do educador no sentido de compreender que é humanamente impossível observar todas as crianças ao mesmo tempo, sem correr o risco de cometer graves equívocos. Exige, portanto, a definição primeira do que é que está sendo observado, por que é importante observá-lo e quem estará sendo observado naquele determinado momento. O “o que” e o “por que” são definidos nos objetivos que são traçados para serem alcançados a partir do trabalho realizado com cada faixa etária da Educação Infantil e em cada eixo anteriormente explicitado. O “quem” será definido pelo educador, tomando o cuidado de observar todas as crianças, porém, em momentos diferentes, a fim de comparar o desenvolvimento de cada criança em relação a si própria, ao longo do processo de intervenção, tomando como referencial os objetivos propostos.

A memória do educador não é a melhor fonte de registro do que foi observado, sendo necessária a utilização de recursos específicos para a efetivação desse acompanhamento, o qual pode ser feito por meio de fichas específicas, no decorrer da observação ou logo após tê-la realizado. Ao observar, tendo como parâmetro os objetivos estabelecidos, evita-se a comparação de uma criança com a outra, a qual é fonte de inúmeros equívocos que vêm sendo praticados no processo educativo institucionalizado. Outro cuidado a ser tomado é o de revisar permanentemente as fichas que servem de suporte para os registros, evitando que os registros sejam cristalizados como modelos a serem seguidos, ano após ano.

**b) *O portfólio:***é um instrumento de fundamental importância para o acompanhamento do processo realizado por cada um dos educandos, podendo ser introduzido, com melhores resultados, no trabalho realizado com crianças a partir de dois anos de idade. Pressupõe o registro, por parte do educador, de situações de aprendizagem e do desenvolvimento da criança, bem como a seleção de atividades realizadas em diferentes momentos, com o intuito de servir de suporte para a análise dos avanços realizados por cada uma das crianças de forma individual, captando a singularidade de cada uma, na relação com os conteúdos curriculares.

**c) *A participação:***Em primeiro lugar é de fundamental importância o educador ter claramente definido o que é participação e como ela se efetiva nesta fase da vida humana. Não podemos partir do pressuposto de que a participação somente se efetiva a partir da exposição oral e que aquela criança que fala muito é aquela que apresenta um bom “nível” de participação. Ao interagir, ao desenvolver as atividades em grupos, nas brincadeiras, no desenvolvimento das atividades individuais, nas trocas, enfim, a participação se revela nas diversas atividades e o importante é que o olhar atento do educador seja capaz de captar onde precisará intervir para auxiliar, pois a participação é reveladora dos questionamentos da criança, das suas possibilidades de interação, demonstrando ao educador em quais aspectos precisará agir com maior atenção. A participação, como instrumento de avaliação do trabalho pedagógico realizado e do desenvolvimento infantil, pressupõe a utilização dos registros de forma permanente, a fim de evitar equívocos comumente observados quando os registros são realizados apenas no nível da memória do educador.

**d) *Relatório*:** é um instrumento de acompanhamento do desenvolvimento da criança, que permite uma análise reflexiva em relação ao processo de aprendizagem de cada uma. Segundo Hoffmann (2000), o relatório de avaliação é o registro que historiciza o processo de construção de conhecimento e provoca o olhar reflexivo do educador sobre os desejos, interesses, conquistas, possibilidades e limites no desenvolvimento da criança, tornando-a partícipe.

Nesse sentido, o relatório de acompanhamento possibilita a interação criança/educador na construção do conhecimento de forma contextualizada, tendo como ponto de reflexão os critérios previamente estabelecidos na proposta curricular.

Em relação aos resultados do acompanhamento da criança, é importante que os educadores dialoguem permanentemente, socializando todas as informações pertinentes ao seu desenvolvimento, discutindo com a equipe de apoio, com os demais educadores e com a família, sempre que necessário, independentemente dos períodos destinados às reuniões, a fim de que a tomada de decisão se efetive em tempo de encaminhar ações, objetivando a resolução dos problemas detectados.

Outro aspecto fundamental refere-se às circunstâncias em que há mais de um educador trabalhando com as crianças em períodos diferentes.

Nesse caso, a necessidade de retomar os registros elaborados pelo outro educador, discutindo os pontos que geraram dúvidas ou divergências, bem como analisando os processos desenvolvidos, confrontando-os com as informações fornecidas pela família, torna-se mais intensa. Assim, o acompanhamento da criança é uma responsabilidade permanente de todos os adultos que convivem com ela, incluindo a família. Esses devem estar disponíveis para refletir sobre os interesses, as necessidades, as conquistas das crianças, auxiliando em suas tentativas, pois seu desenvolvimento depende fortemente de um ambiente favorecedor, da disponibilidade dos adultos em conversar, brincar com ela, prestar atenção, de fato, de modo a subsidiar permanentemente o trabalho junto a ela.

Há necessidade, portanto, de se criar tempos e espaços para que educadores, administradores, atendentes, funcionários, técnicos, pais e familiares reflitam sobre o trabalho desenvolvido com a criança e seu processo de desenvolvimento, o que não quer dizer que se deva efetivar uma prática de reuniões periódicas com os pais para a entrega de pareceres finais, mas, ao contrário, significa criar oportunidades frequentes de troca de ideias, informações e sugestões.

Nesse contexto, explicita-se a importância do Conselho de Classe na Educação Infantil, momento oportuno para identificar os avanços e as necessidades de intervenção pedagógica por parte dos educadores e demais profissionais que atuam junto às crianças, bem como por parte da família. A reflexão sobre o que é realizado e sobre os resultados obtidos servem de parâmetro para as revisões permanentes no projeto da instituição. Dessa forma, a avaliação assume seu caráter diagnóstico-formativo, envolvendo todos os sujeitos indistintamente. Assim, os critérios que norteiam a avaliação do desenvolvimento da criança e que são utilizados pela instituição devem estar explicitados no seu Projeto Político Pedagógico, sendo construídos de forma coletiva e sistematicamente trabalhados com os educadores e com a família, a fim de que seja parte integrante do efetivo trabalho realizado na Educação Infantil, evitando que cada educador queira avaliar a partir de princípios particulares, de suas crenças e/ou experiências.

A avaliação na Educação Infantil não tem caráter de retenção nem seleção dos educandos, no sentido de constituir turmas homogêneas. A coerência na avaliação requer que os critérios legais que estabelecem o número de crianças atendidas por cada educador, em cada faixa etária, sejam, no mínimo, respeitados, possibilitando, ainda, a análise de acordo com os diferentes contextos em que a Educação Infantil está inserida, independentemente de ser em Centros de Educação Infantil ou na instituição escolar que atende também a etapa do Ensino Fundamental – anos iniciais, pois realidades diferentes podem requerer critérios diferenciados de distribuição adulto/criança.

Um dos maiores avanços na Educação Infantil decorre do entendimento do profissional que atua nessa etapa da Educação Básica enquanto educador. Essa compreensão trouxe ao debate o processo de formação desses profissionais da educação que atuam em um momento especial da vida do ser humano e a preocupação com a formação continuada.

Ao delimitar uma proposta curricular para a Educação Infantil, articulada aos princípios teórico-metodológicos do Ensino Fundamental, numa perspectiva de continuidade, emerge com maior intensidade a preocupação com a qualidade dos processos formativos desses profissionais. A coerência com os fundamentos filosóficos, legais, psicológicos e pedagógicos que norteiam o Currículo Básico para a Escola Pública Municipal da Região Oeste do Paraná - Educação Infantil e Ensino Fundamental- anos iniciais, tem sido um desafio a ser superado permanentemente.

Portanto, pensar em processos de formação requer refletir sobre a especificidade da Educação Infantil e sobre a articulação com o Ensino Fundamental – anos iniciais, superando, portanto, a ideia de etapa preparatória para o ingresso na etapa subsequente. O que isso representa? Podemos pensar, no mínimo, na necessidade de repensar os processos de formação pontual, realizados numa perspectiva de descontinuidade, em que apenas se cumpre uma exigência política ou legal. Revela-se, sobretudo, a importância do estabelecimento do diálogo permanente entre os educadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental – anos iniciais, a realização de processos de formação continuada, tanto em termos de proposta político-pedagógica, quanto em termos de distribuição no tempo escolar. Estratégias múltiplas se apresentam como alternativa, entre elas a realização de cursos, seminários, simpósio, palestras, grupos de estudo e formação continuada em serviço, desde que respeitados os fundamentos que dão sustentabilidade a atual proposta curricular.

A postura do educador na educação é a de mediação pedagógica, intervindo de forma consciente nos processos coletivos e individuais vivenciados na instituição educativa. Para tanto, nesse momento do processo de formação humana, o educador deve ser capaz de construir uma relação que transmita segurança, sendo compreensivo, valorizando conquistas e avanços, garantindo a privacidade, respeitando as opiniões, tornando-se um parceiro dessa criança na busca de novos conhecimentos, visando ao vínculo afetivo, à formação da identidade e à autonomia nas relações estabelecidas.